

Magnífica Reitora da Universidade Católica Portuguesa, Professora Doutora Maria da Glória Garcia

Senhor Diretor do Instituto de Estudos Políticos, Professor Doutor João Carlos Espada

Sra. Dra Rita Seabra Brito e Sr. Dr. Pedro Norton,

Distintos convidados,

Caros alunos,

Lembro-me que há mais ou menos um ano, quando desta mesma sala e deste mesmo púlpito me dirigi a todos vós, estive aqui sem ter a certeza que em 2014 teria de novo o gosto da vossa ilustre companhia.

A explicação é simples: nas democracias de tempos a tempos os políticos vão a votos. E a minha vinda aqui na qualidade de Presidente de Câmara ficou, desse ponto de vista, dependente da vontade de todos os cascalenses e de um convite do nosso amigo Professor João Carlos Espada.

Confirmada a vontade de ambos, aqui estou para a abertura de mais um Fórum Político do Estoril num ano particularmente importante para Cascais.

Faz em 2014 precisamente 650 anos que Cascais conquistou a sua autonomia a Sintra, sendo elevada a Vila pela mão de D. Pedro I em 1364.

Muitos de vós já nos conhecem.

Não é a primeira vez que estão em Cascais ou no Estoril.

Sabem como estamos no mundo e como olhamos para o mundo.

Já ouviram falar das histórias de Reis e Rainhas que vindos de Itália, de Espanha, da Bulgária e de todo o lado, aqui encontraram a tranquilidade e a liberdade nos tempos de escuridão da Europa.

Conseguem decifrar nas paredes deste hotel episódios de espionagem e de contra espionagem, de diplomacia e de política, que fizeram do Estoril um dos palcos da história do século XX.

É esse Estoril imaterial que está imortalizado no “Casino Royale” de Ian Fleming, que aqui criou “James Bond”. É esse o Estoril de Calouste Gulbenkian, do Barão Rothschild ou de Orson Welles, que se surpreendeu com o número de cabeças coroadas que consigo partilhava os corredores de hotel.

Há outros convidados, porém, a quem só agora temos o privilégio de ser apresentados. Permitam-me que lhes diga num minuto quem somos:

Cascais é um concelho associado à qualidade de vida, ao cosmopolitismo e à preservação dos seus recursos naturais.

Mas Cascais é muito mais do que isso.

É um modo de vida que se traduz na vivência da nossa história, numa atmosfera livre e tolerante, nos valores da compaixão e do humanismo que hoje são evidentes quando há cidadãos de 85% das nacionalidades do mundo a viver em harmonia dentro das fronteiras do concelho.

Cascais é a casa orgulhosa de muita gente diferente.

É um ponto de encontro do país e do mundo, e o seu maior ativo é essa unidade na diversidade.

Não é por acaso que o Instituto de Estudos Políticos nos dá a honra e o privilégio de sermos a casa dos seus Cursos de Verão há quase vinte anos.

É porque há esta identificação comum entre o espírito de Cascais e do Estoril, e o espírito de uma grande instituição académica como é o Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica.

Minhas senhoras e meus senhores,

Como disse atrás Cascais encontra-se a celebrar os seus 650 anos de elevação a Vila. É neste momento fundador que procuramos fazer um elogio à memória acompanhando-a de uma reflexão sobre o futuro.

Do local para o global, como gostamos de pensar o mundo a partir do Estoril, diria que 2014 é um ano de convergência da história.

Olhando para o calendário, sucedem-se datas com peso histórico e político próprio. Datas com um enorme poder transformador.

Passam os primeiros cem anos desde o início da I Guerra Mundial o momento que alterou definitivamente os pratos da balança do poder global, que abriu a porta à era das revoluções comunistas na Europa e que colocou Portugal à mercê do asfixiante poder do Estado Novo.

Marcam-se os 70 anos do desembarque das tropas aliadas na Normandia, o início da libertação da Europa do jugo totalitário por jovens que lutaram por um ideal de um mundo livre e democrático.

Caiu o extremismo nazi mas ficou de pé a cortina de ferro soviética. Lançaram-se as sementes da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço mas o sonho de uma Europa unida e sem guerra tinha sido adiado.

A liberdade e a unidade da Europa só se completaram em 1989, com a queda do Muro de Berlim, data que cumpre agora 25 anos.

Um quarto de século é também o tempo que passa sobre o massacre de Tiananmen. Um episódio que acabaria por marcar definitivamente, se dúvidas ainda houvesse, a natureza do regime chinês.

E em Portugal, assinalamos os 40 anos do 25 de Abril.

2014 é um ano de convergência da história. Mas o mais inquietante é que está a revelar-se também como um ano do regresso da História.

Muitas das escolhas dos líderes políticos hoje são as mesmas com que se confrontaram os líderes políticos no último século.

Os sinais estão à frente dos nossos olhos.

A Leste emerge um poder revanchista. Por todo o lado os radicalismos e nacionalismos tentam tomar de assalto o poder.

Os regimes democráticos da Europa parecem ter entrado numa crise sem saber bem o que fazer para sair dela.

E, pelo menos na Europa, a tensão entre integração económica e autonomia política nunca foi tão evidente.

A discussão em torno do futuro presidente da Comissão Europeia mais não é do que a confrontação entre estas duas correntes.

De um lado a Alemanha, um poder federalista e pró-integração. Do outro, Reino Unido e Holanda (curiosamente potências comerciais navais) batem-se pela devolução de soberania aos estados nacionais e por uma Europa menos centralizada em Bruxelas.

Parece-me, a esta distância, que qualquer que seja o resultado é a Europa que sairá sempre a perder.

É neste contexto pós grande depressão, que deixou muitas verdades feitas em estilhaços, que o IEP nos propõe uma discussão sobre a terceira vaga da democratização.

Olhando para o contexto político em que vivemos, admito que é urgente pensar não apenas a terceira mas também uma outra vaga de democratização.

Ou, devo antes dizer, de redemocratização da democracia.

Porque o que está em causa já não é só fazer com que estados fechados se tornem democráticos. Para mim, a principal questão é garantir que os Estados democráticos continuam a ser democráticos nos próximos anos.

É urgente renovar os pilares da democracia e do Estado de direito. É urgente pensar a nossa forma de fazer política e de promover o envolvimento cívico.

As dificuldades não devem desviar-nos do essencial.

Este é o tempo que abre uma janela no passado a partir da qual podemos consertar a realidade do presente e projetar o futuro sem cometer os mesmos erros.

Como presidente de Câmara, sinto-me satisfeito por esse debate ser feito pelo Instituto de Estudos Políticos. E sinto-me ainda mais feliz por essa troca de ideias ter lugar no Estoril.

Sejam sempre todos muito bem-vindos a Cascais. Muito obrigado.